álvaro lapa

raso como o chão

editorial estampa

RASO
COMO O CHÃO

ÁLVARO LAPA

RASO COMO O CHÃO

Editorial Estampa

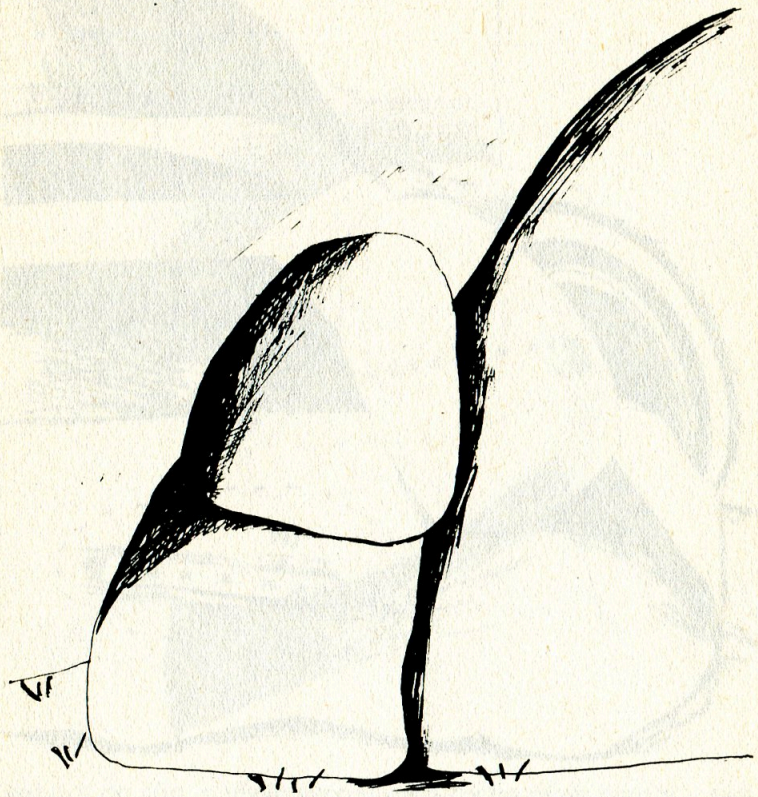
Capa de HENRIQUE RUIVO

Copyright
Alvaro Lapa
Editorial Estampa, Lda., Lisboa, 1977

ÍNDICE

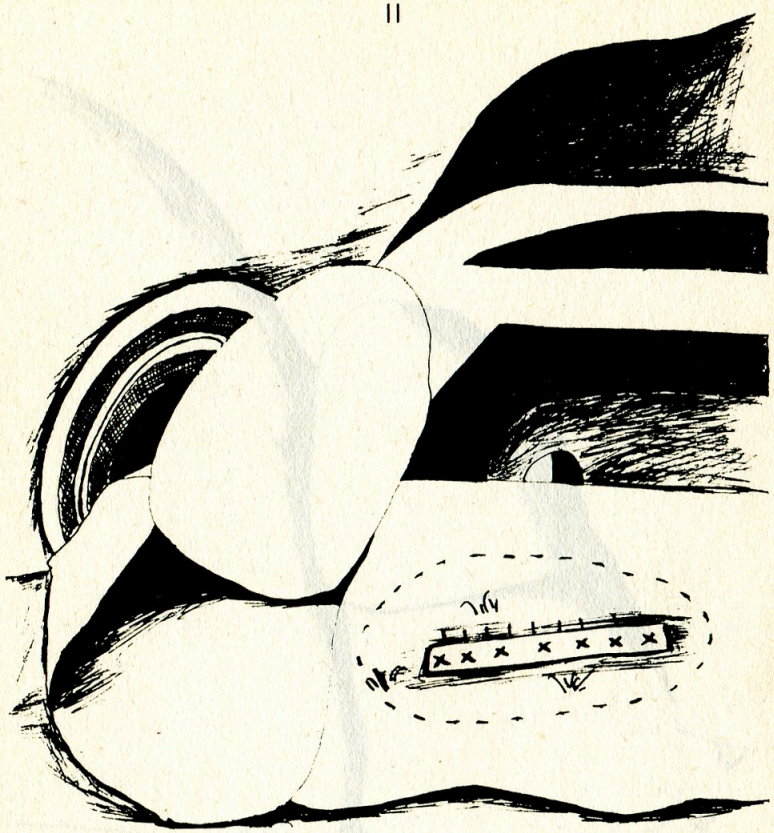
MORADAS NA MÃE-TERRA 9
OS CRIMINOSOS E AS SUAS PROPRIEDADES 25
PARA SI PRÓPRIO 29
UM REQUERIMENTO 31
PERGUNTA 33
O ADVERSÁRIO 35
O ADVÉRBIO 35
ASSIM OUVIDO 37
QUE HORAS SÃO QUE HORAS 39
A DESCOBERTA 45
NOTA SOLTA 49
O TÚMULO 53
UM PASSEIO 57
O FIM DE UM MUNDO 61
O SURDO 69
HISTÓRIAS DO REI DOS CIGARROS 73
HOMENAGEM A RUNO SCHULZ 77
A RAPOSA E AS UVAS 89
AS UVAS E A RAPOSA 93
O IRMÃO 95
AS PANATENEIAS MORAVAM TODAS JUNTAS... 97
O RELENTO 99
O DESERTO 101
O PASSEIO 103
A VISITA 105
O MONÓLOGO DO PASTOR 107
OS CIGANOS E AS SUAS PROPRIEDADES 109
PRIÁPICAS 111
UMA RECEITA 113
A LIÇÃO DOS GRAFITTI 115
O PRAZER DE URINAR 117
O NILO 119

MORADAS NA MÃE-TERRA



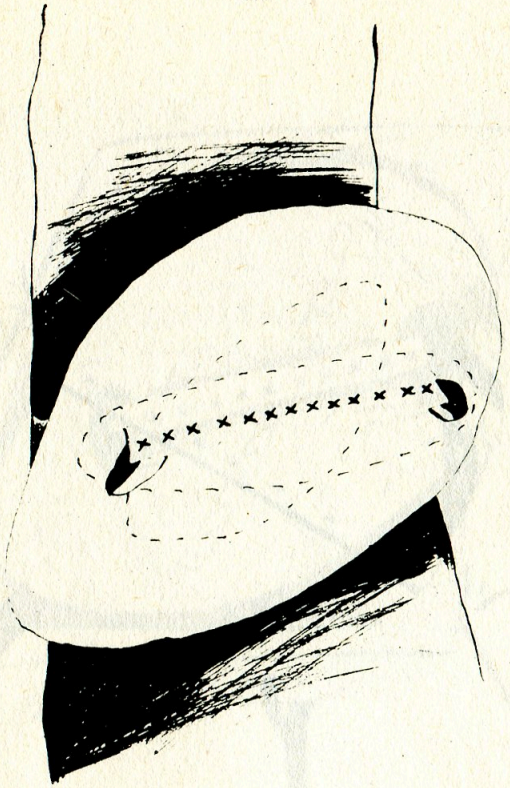
as pequenas ervas sobressaem esguias na manhã — a 1.ª manhã, que enquanto os fogos duram por toda a parte e os homens jazem escondidos na penumbra dos abrigos invadidos, alastra pela trémula indiferença do planeta, em névoa escura

II



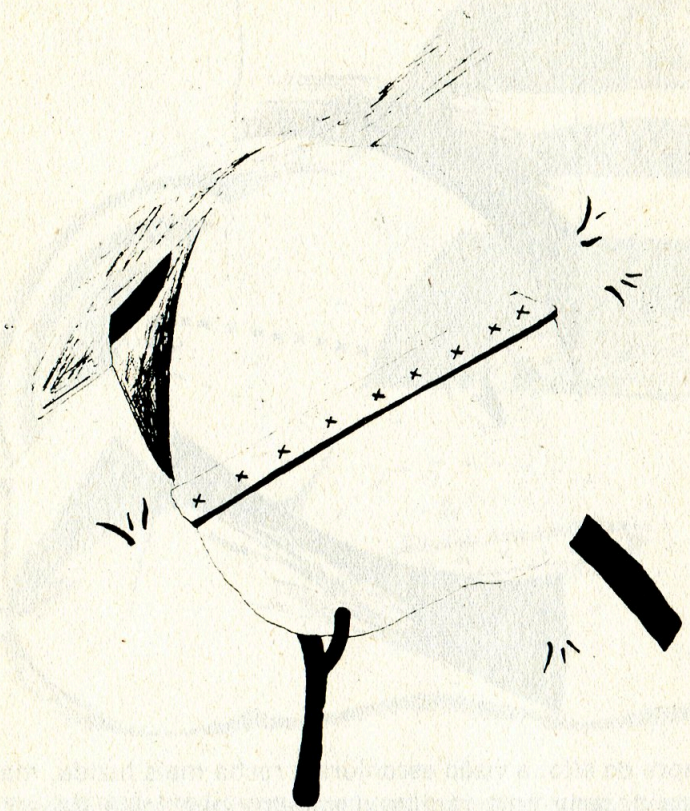
uma carcassa prodigiosa, resguardo para vermes, alguma fórmula, e uma que outra sinalefa do passado, costeia um falo solto que enternece. A erva cresce, calma. Os prímulos sinais da civilização podem ser rapidamente entrevistos, na régua riscada que um mar de vida arremessou à crosta. Agências...

III



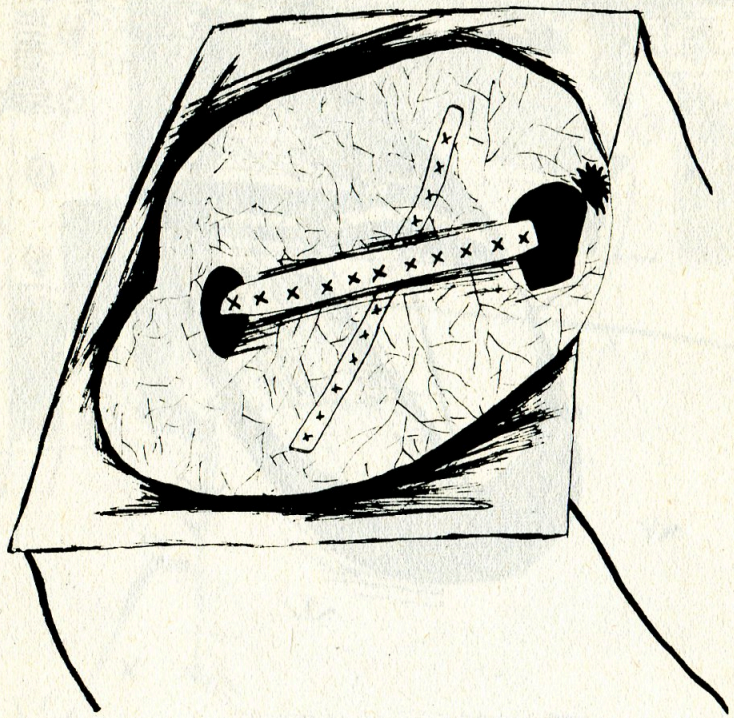
Sempre do alto, a visão esconjura a rocha mais luzida, mais polida decerto pela rápida «lavagem» que foi a da água enraivecida nos planaltos daquele globo, e a visão encontra a limpa toalha de um asceta, ou de uma comunidade de ascetas, sobre cuja nívea garantia pespontam geometrias, e o incólume persistente riscado métrico de um génio civilizador

IV

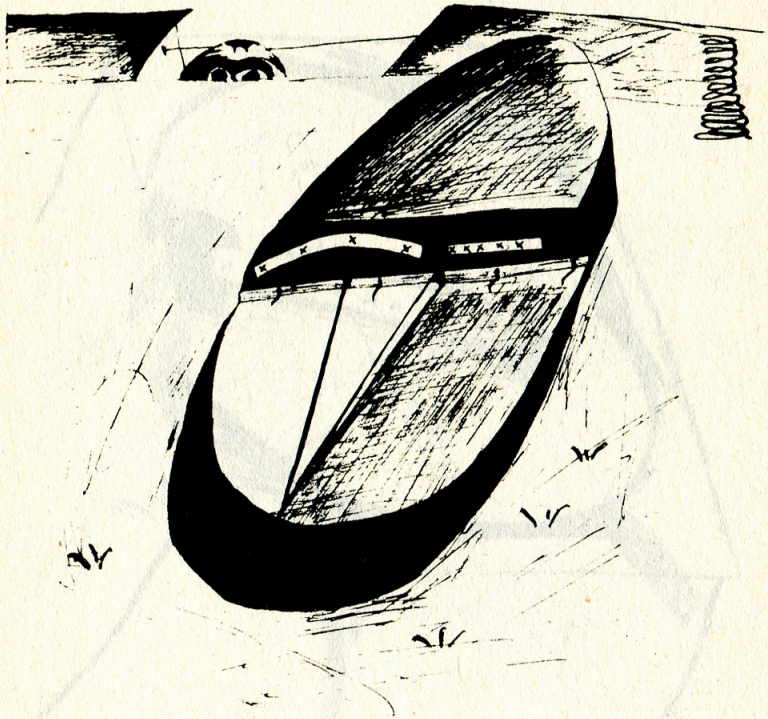


Oh, que esta raça nunca nova havia de empurrar o piano até ao mar, calfetá-lo, afeitá-lo, e dele observar (ou tentar observar, em prodígios de espera!) os menores sinais de tudo.

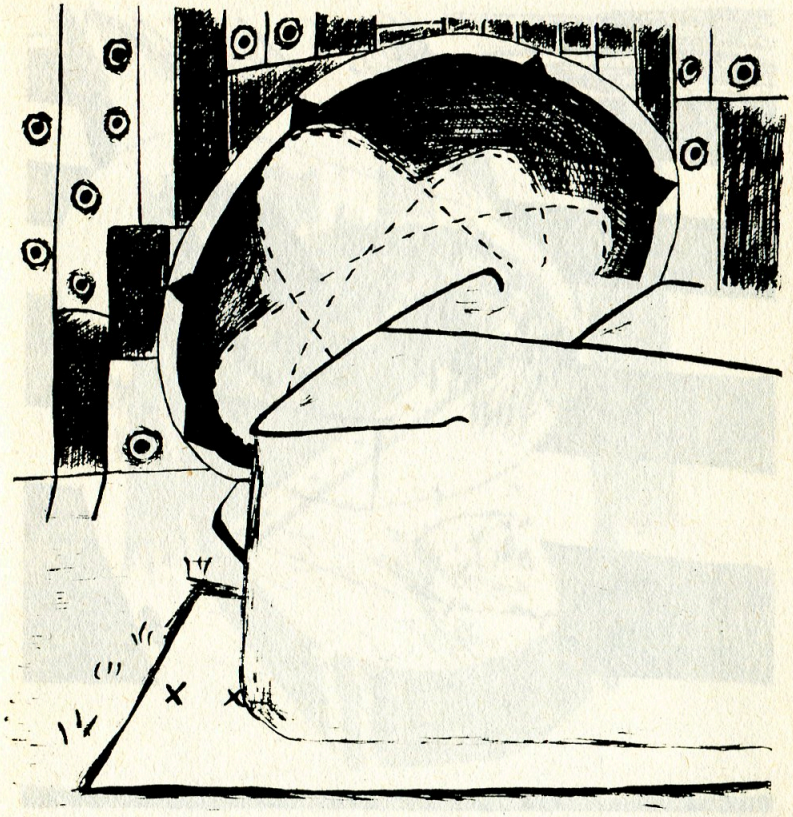
V



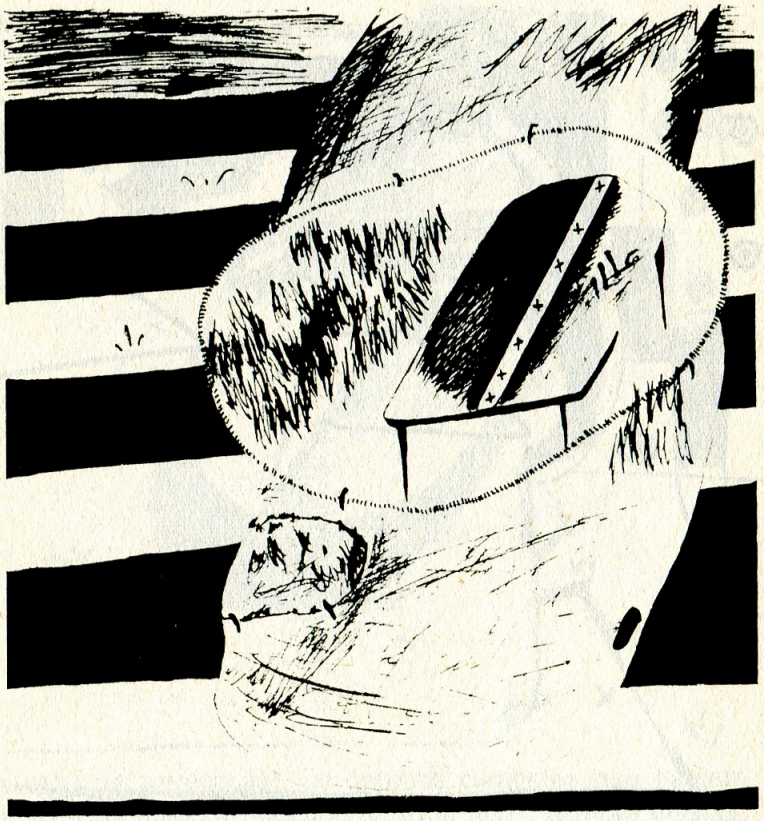
(De outro modo, para abastecimento da atenção e do estudo, descanso, colóquio, reiterações ou pernoita, reinventou-se a MESA — agora lugar, geográfico, posto que a petrificada natureza envolvente foi tornada, ela, o décor absoluto das possíveis rotinas.)



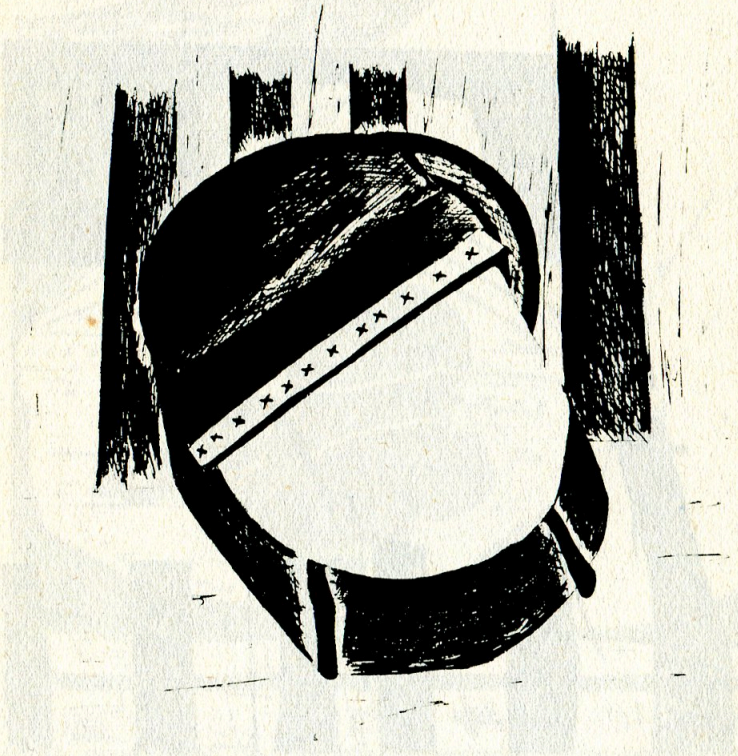
A vela (de navegação), os óptimos comboios que haviam sempre circulado a horas, e, porque não?, a mola elástica que tão bem desentorpecera o plano único da sua posição forte, tudo foi convocado ao acaso do reencontro inaugural. Assim tornaram a navegar e a palitar os dentes os que dos antepassados se chamaram... nome de gente.



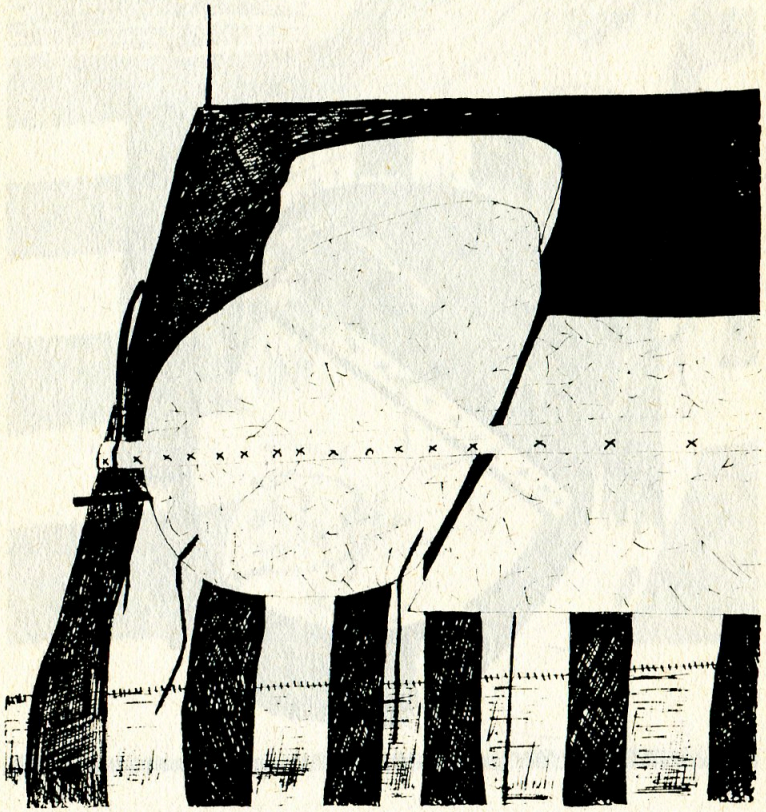
O agoiro dos túmulos, santo dia! as negociatas de símbolos na vizinhança do talvez real mistério, a sedução do ar livre e do seu estudo, isso foi mantido, e querido.



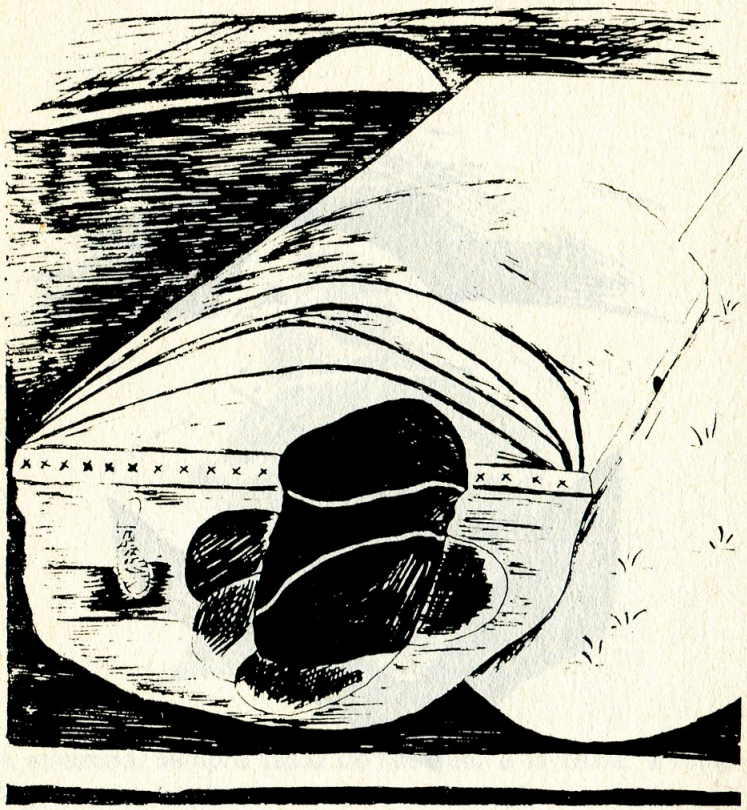
e o jardim, construído sobre as aparências transparentes de um prazer lesado, dava para um mar muito oceânico, muito «fundamental».



Floresta... Floresta. O poeta tornou a conjugar, entre a presença e as ausências, a possibilidade única que era a de qualquer coisa

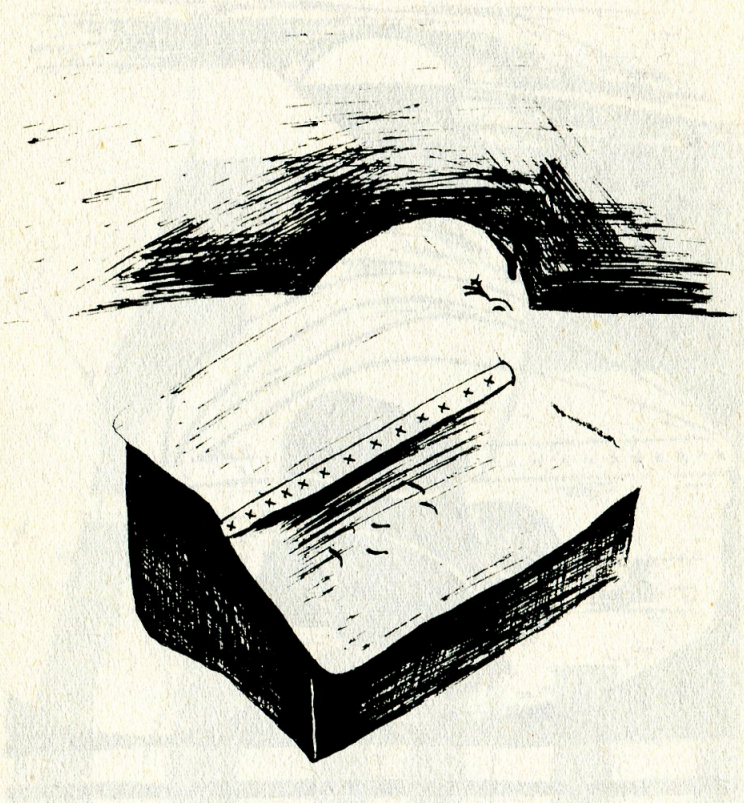


A ópera, género simples, foi conservada em lenda, em rumor do que antes foram meramente vivências.



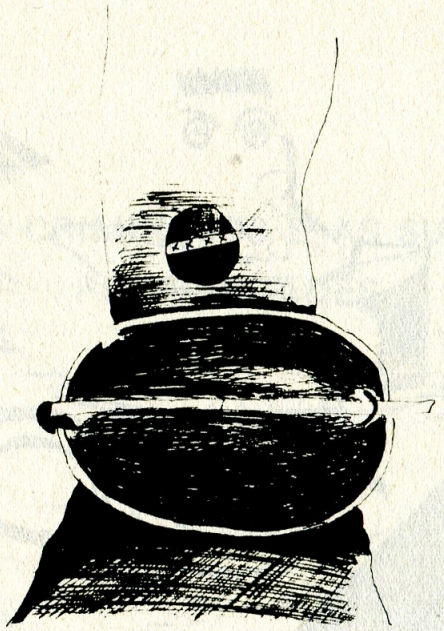
«uma nova onda de cancros provocados pela bomba de Hiroxima», era um título já não alarmante para divulgação tecnológica na rádio, nos jornais, nas revistas. Por isso que a terra era para alguns um apeadeiro...

XII



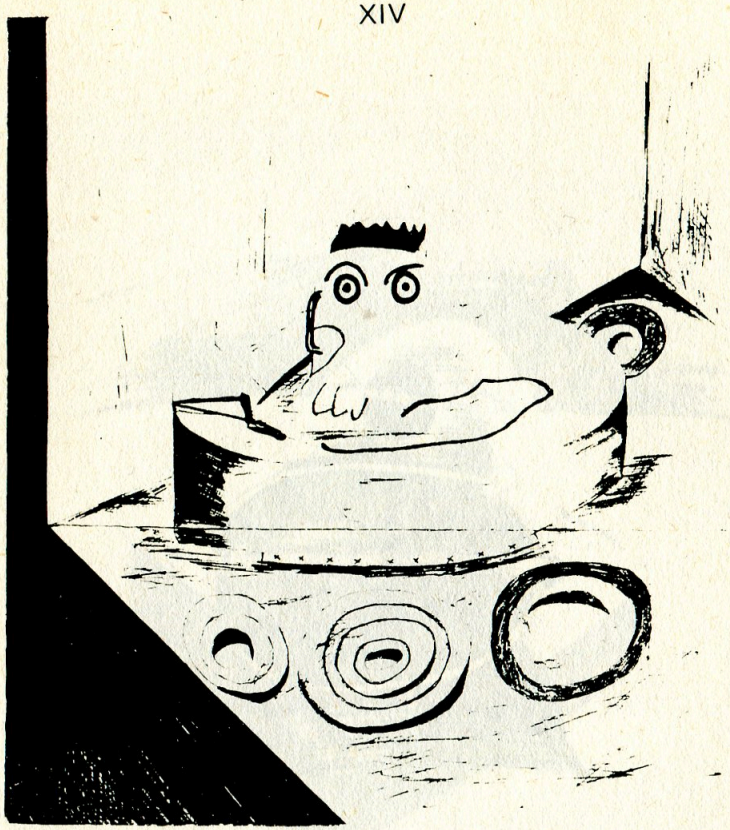
... e entre «vivam os reis» e cadências herméticas, transpareceu a que fora casa ou gaveta (não!) a que fora aparentissimamente a caixa de socorros gerais, ou a mala das definitivas abastanças, para quem de algum modo quisesse a seu tempo viajar sem regresso.

XIII



A amazona, sempre capaz de reerguer a fantasia, a imaginação, e as faculdades amorosas da raça.

XIV



e o eunuco de Tetuan, entronado em que garagem, santo dia! entre que pneus, parecia o responsável de qualquer medo, de qualquer «defeito» num sistema que muitos classificariam de **circular**. E se não foi ele, o responsável, razões lhe sobrariam então para rir no seu apesar de tudo riso alegre. Rir...

OS CRIMINOSOS E AS SUAS PROPRIEDADES

os criminosos e as suas propriedades — um mundo «criminoso de passividade» — «um» mundo — este instante vale outro, e outro, e outro — compara sem reservas, ininterruptamente — compara sem culpas — o outro mundo vale este — a clarabóia azul-fosco — a frescura bendita do recinto — para que serve a infância? — imagina e VÊ — todas as imagens «selvagens» sobressaem — o rio, as abelhas, as pulgas, a flor silvestre, o luar fortíssimo — invencível natureza — tudo o que vês existe — o amor e o ódio são a tua emancipação, a tua única emancipação é viveres — pelo luar evades-te — és o prisioneiro da realidade — «Prisioneiros deste mundo, saí» (Hassan I Sabah) — Cólera, que cólera? — o túmulo és tu próprio — que melhor vida que a tua própria vida? — Hoje é tudo — **esta circunstância** é uma definição circunstancial — o corpo do meu companheiro é a minha sensualidade, em todo o caso — que pulgas? que piolhos? que cabelos? que pele? Tudo é o Homem. — a conversão de tudo no Homem é a Conversão Espiritual (sadhanâ) — os meus pequenos cálculos são a minha teoria do mundo — este mundo dispensa (não dispensa) cálculos — a

educação é gratuita — eu não paro de educar-me — além da prisão, **só** a sociedade — além da sociedade está o cemitério — «aqui estou», disse Jesus abrindo a porta — começa **já** a imaginar — lembra o que vês, rapidamente — vai para o fundo da doçura de te sentires tu — escolhe sempre — espalha a tua inacessível indiferença — qualifica-te secretamente — verde fosco, também — rosa fosco, também — os vitrais da prisão são a luz do teu mundo — o teu mundo é a condição do teu projecto, e nisto te especializas suficientemente — deixa o estranho emocionar-se, vá! — a comunicação, mas com quem? — tudo está a ser visto por ti, milimetricamente — se fores cego não faz mal — quem te desanima? — a pena de morte é bárbara; e os restaurantes?... —

(PARA SI PRÓPRIO:)

essa visão da realidade vale a outra, e a outra, e a outra —o espectáculo dos olhos, dos pénis, dos ruídos, substituem o dos campos, se tos negam — vaya adentro, en el mas próprio y íntimo y muy personal descubrimiento — hay que evadirse, vaya! —

UM REQUERIMENTO:

«na prisão andam medos na noite da prisão andam forças
ventos ares incontestáveis que impedem os prisioneiros
de ser felizes.»

PERGUNTA:

«Uma ária matinal no corredor grande com o Sol que aquece as celas diminui a imensa angústia dos que ouvem e vêem. Não diminui?»

decimoquatreobliquozingarirapidograficoporcimensiobliquoquatrioviviotraveziobilicovistotravezalimentuandantelareficamente.

ASSIM OUVIDO:

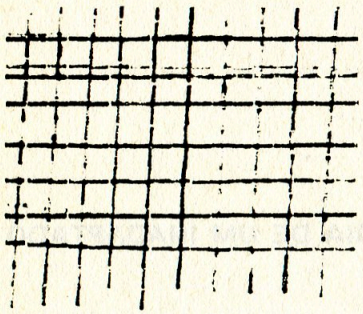
«Dá cá a tua mão»

QUE HORAS SÃO QUE HORAS

METODOLOGIA DE UM INADAPTADO

... «e nesse caso gostaria bem que me enforcassem, me abolissem; em suma: se vierem a deter-se no meu caso, é (para o efeito) muito simples — o incurável.
Por outro lado, quando me tatuo, é para ficar, no estômago, na barriga, no cu dos colhões, que é no sequinho da fominha mais estrita, fina gota do belo licor, estafado.
Ora aí está: tatuagens!»

ESPAÇOS LIBERAIS



(a grelha)

aurífero o caso. uma pechincha. nem mal nem bem. uma pechincha. a prisão. a prisão. a prisão. aqui só há ruídos. lalalalalalalalalalala, na manhã do fim. Poraífora. O Budismo sonoro. Viuhaha. Esta é a manhã do fim.

TAMANHO DIA, O OUTRO

Mas mesmo assim, considerada a memória, houve uma tal disparidade de marcas, de coisas, de ditos, de factos. Assim, assim, assim, assim, assim, como era aquela no outro dia aquela com o coreto e tal na tal metáfora? Era assim, ou assim

ESMERO, IMPOSSÍVEL

sim pois esmero impossível. Nalguma perfeição fiado e confiado? quem é que manda, aqui? Lugar para quem? Forma de ti, lembra-te bem, sovas e sovas e sovas que bastam a quem assoma. Para contar, já já, este agulhão na lama, doce, escuro, pontiago
a
u

QUARTO OU QUINTO DE UMA SÉRIE

A mesma coisa, agora é tarde. Pomos que é noite. No escuro da série. Que toda está, na mesma. E é esta, a série? A do tumulto? a do sim, sim, sim que sim. Que

LINHAS DECALCADAS PELA MEMÓRIA DE UM «ASNO»

estas são as linhas e estas são as linhas e estas e

DESPOVOAMENTO GERAL URBANO

quando foi

CATULO, PROPÉRCIO OU TITO LÍVIO

ou que memória, ou que iteração é este o termo
POR QUE INTENÇÃO VASCULHADA ESSA BAGAGEM,
VAI-TE MAS É FODER

BARCO ABANDONADO OU VIRADO PARA FORA

Agora sim, o barco, a praia, o barco, ias por aí além e recordavas o barco, a praia, o barco
e no negro batel da tua vida é que, se o virares para fora se obtém o que lá estiver. Realidade sim. Realidade não. A que estiver.

DESCRIÇÃO DE UM ABISMO

A visão de aqui. Ora aqui está. Onde pernoitas cansas recuperas e pronto, quando «te vês» é tudo.

NATURAL-SOBRENATURAL

«As possibilidades de arranjo de um número quase limitado de elementos compõem a ''imaginação inferior''.
A surpresa, a veneração, o êxtase, a curiosidade, caracterizam a «visão astral».

OS DEUSES ANTIGOS

A LIDE: UMA AMOSTRA

AO PÉ DO LARGO NOVO, A FANTASIA E O BATUQUE

---

quer dizer, o neo-realismo de um Manuel da Fonseca está ao pé da fa e do ba

---

LENDO RESOLVE-SE

é que é mesmo.

TAMANHO ABSOLUTO

Puisqu'on gère, c'est çà les nerfs.

A DESCOBERTA

No «KOSMOS», enquanto um citarista de crânio rapado

mostrava A ALEGRIA, numa técnica que compreendia o fandanguillo, o solo de jazz e a rãga, eu vi: o animal liberto no corpo de um japonês, que abraçava uma mulher «feia», lésbica e triste, que o repelia com secura. Ele era o animal «do princípio», procurando-a como outro corpo, abraçando-a com a ternura. **Eu via a minha querida besta abandonada por mim no caminho, o falso caminho da mente.** A minha querida besta terna e verdadeira, em que serei alma e espírito, com que beberei copos de água fresca e comerei doces e frutos; a que dorme só e pode querer aquecer-se no corpo amigo de outras bestas, em quartos de hotel que são metade do seu mundo; a de mãos dadas nas ruas de Marrakech, a da cabeça pousada no peito do amigo. A da lua e do vento nos poemas chineses, e dos mosquitos; a que sabe e expia a tristeza dos animais encarcerados, ultrajados pelos visitantes dos jardins zoológicos. A que se encolhe de medo, e pula de alegria na segurança da protecção. A que não compra nem vende, e apenas dá e tira. A vaidosa, a mongolóide ao espelho. A vivaz. A que se ofende e agride. A que foge. A que de re-

pente fica triste, sabendo que vai morrer. Morrer sozinha, ser levada para fora da cidade e deixada «morta» a que morre. A que o sabe e aceita. A que diz sim e ri. A do tempo instintivo, homogéneo. A que gosta de conduzir-se à vontade, sem razões. A admiradora da razão e das majestades do pensamento. A que desconfia dos racionalistas e às vezes os segue arrastada pelos punhos indefesa. A que lamenta e expia a pretensão ignorante dos homens, conhecendo os seus efeitos. A que pode compreender as verdades causais da pretensão ignorante. A que se sentará a meditar as verdades do budismo. A que é a música completa das verdades do budismo. A que tem olhos e é um arco de olhar maravilhado onde vê tudo. A que reclama ver, a apaixonada.

NOTA SOLTA, SOBRE O POSSÍVEL «VALOR» DAS OBRAS DE ARTE, PARA O FUTURO

carácter de «últimas vontades», de última-vontade, de vontade extrema, tensa, sobreavisada, que tomam as obras para o futuro (=doravante). A obra como sinal premonitório, a imaginação como actividade **receptiva** (seu carácter dominante), captadora do sinal-mensagem «que vem do futuro»: uma gigantesca central-receptora, a imaginação da «arte moderna». Trata-se de preservar **o essencial** — donde as minhas «legendas proféticas», as minhas «caixas-relicário-pessoal», as minhas «alegorias», os meus «cânones», os meus «dogmas», os meus «abrigos», os meus «auto-auto-retratos», os meus «estímulos», os meus «flagrantes eróticos» — ou, como declara o meu amigo João Cutileiro, de preservar «a ecologia» (cfr. o uso paralelo deste termo, no Gary Snyder, «Poetry as an echological survival»)

O TÚMULO

Negros cabelos fundir-se-ão na cova dura de Aster, o solo, em solo duro de renovar. O torrão apreensor que escama, regula, risca a brilhante, a vivaz. Risca e roda, esferiza e decai: a brilhante. A tonta brilhada encontrada vida ida. Esse regula e marca, esse, o risco. De ver que ata, o escamoso Aster. Teu pai to não diria, mas tu sim. Tu, o sim. Vai vê-lo à beira da luz que decai. Vai vê-lo no orifício quase cego de um teu olho aberto, sobre o que sobra quando lhe tirares (ousa) a luz toda que vês haver. Vai e não voltes, campeão!

UM PASSEIO

Combinai os trevos. Reaparecei. Caminhai nos trevos amarelecidos do crepúsculo. Findai o mundo. Depressa ide. Reduzide a pérolas as gotas do suor, do medo. Caminhai sobre pérolas. Investide. Atormentai a possibilidade (única?) do lugar. Sem testemunhas, as tormentas. Os pios de encontro ao veludo verde das bancadas. A água-suor do medo. A liberdade sem testemunho. O fundo livre sem comparsa na rota exangue do crepúsculo. Os detritos, as escamas, os rumores. No cimento alteado formam-se os montes, precipícios em flor de bouquet imediato, a estoirar na neve imaginária da solidão. Um cão morre por nada. Dois cães matar-se-ão várias vezes. Impossível recomeçar. Todas as viagens conduzem «à casa» (H. Hesse scripsit). Caseira, domesticamente protestante (Joyce dixit?). Reaparecer nas palavras, contar com outrem, fazer dois sem um, desaparecer. Ir e vir. Depois nada mais. Quatro, quatro, quatro vozes soltas. Civa vai e vem, conta-se.

O FIM DE UM MUNDO

o coreto em sangue aparecia diminuído das suas terceiras, 4.as, 8.as pedras. **Isaac, a moça rubia** e **Cézanne, a mesa dos detritos,** concertavam as operações mais óptimas do poente naqueles ângulos do planeta Terra. **Xago, o eunuco de Tetuan,** engrossa os nervos expostos dos alguns assistentes; **Trac, o marinheiro,** desagua de uma rocha, ping, pling, pling; nasce agora. **A coisa cérebro** é dupla, venada, azulina nas patas. **«Calmo», o sangue intermitente,** e **«Cinto», o pé estragado,** dormem no côncavo do mesmo pneu. A garagem é adulta, o tempo ameno. As aves riscam o céu. Agora não. Mais que imponente desgraça apreciam os visitantes. Nada falta na discórdia avolumada. É quando os tigres do crepúsculo apreciam chegar à visitança do festim, por entre glandes. Repuxam o campo para o lugar dos mortos idos e regulam a prateleira ovular do em-vez-de-relógio pulso. Nenhuma cidade aparece transposta, algo viveu. Cigarros esgotados na neve. Nenhuma impressão proferida sobre as mesas. Níveas flores esgotadas. Marcas célebres na casca do limão ferido. Rivalidade. Rivalidade. Impressão renovada do crepúsculo por entre asas de utensílios. Agora enormes. **Simão** sobe e desce,

o escalpelo. Revoa a distância acopulada do horizonte e da árvore torta, separa o limo da catana, revoa a espécie de astro entalado no segurador de esquinas. Astral, o instrumento. Capaz de iluminar outra vez as eras espantadas, os dourados orifícios por que sorver e a fantasia iluminosa dos doentes. As caixas cheias de espinhas segregam caves, sinos, e uma outra capacidade de sofrer. O crepúsculo, outro. Os sinos, outrossim. Nenhum animal escapa às suas rotas. O coreto insomne ecoa tudo, no pio cimeiro das aves. Aves-fêmeas, engrossadas pela ventania apurada em orifícios dourados. A fantasia última dos eunucos resgatados. A coisa cérebro pia na madeira ovulada das mesas, heráldicas, mas profanadas, e dispostas no círculo habitado do lugar em que a explosão continua. O sangue intermitente pinga pela falésia. Nascem pios, rosados, vigiados, vivos ainda. **«Pontes, o pénis do festim** engrossa na dureza da nascença, separa mundos de aparência e vai surgir ataques no pneu dourado da amazona. O escudo desta espera-o, e a sedução começa. Uma fita branca ganha cruzes, e os abrigos cerram-se para sempre.

Notas a «O fim de um mundo»

O coreto em sangue

Algumas pedras faltam na membrana invulgar deste coreto. Tem as escadas, revelam o tablado luminoso, mas breves escadas de ferro e pedra que se pulam a «pulso» para cima e para baixo. A invulgar membrana é octogonal, no volume exterior, ladrilhada e azul. Por dentro há de tudo: cadeiras fechadas, toldos fragmentários, adereços de concerto, livros de senhas vermelhas e verdes, grades de refrigerantes, pedaços de balaustrada, ninhos de andorinha, lucarnas com fecho rotativo, em rosácea, cifras de bandos juvenis, inscrições contingentes,

ecos emaranhados, o brilho dos metais concertantes, o tropel dos concertistas que têm subido e descido a breve escada, as faces deslumbradas de muitas crianças que espreitam com toda a ousadia no olhar rápido o escuro pontilhado que bebem e transmitem à noite cheia de árvores perfumadas, e ainda: cabeças soltas no vão da escada erguida, metros de cordão dourado pelo chão octogonal empedrado, sementes raríssimas do universo vegetal em tessitura ardente, a fórmula das vitórias futuras da infância e da curiosidade sobre a sensaboria melódica dos Offenbachs, os Verdis, e tal e tal, o duplo intacto do carrasco em maré de agredir o herói a descoberto, lá no fundo mais esconso. Algumas pedras em falta, neste momento — as faces 3.ª e 4.ª e última de uma perfeição «em aberto», a dos símbolos acontecidos na força da curiosidade primordial.

Isaac, a moça rubia
Cézanne, a mesa dos detritos

... e como imaginar o nome único da forasteira prodigiosa, a nunca mais tornada a ver depois daquela noite mágica, no instante imenso de ter percebido o abismo de estranheza que para sempre isola os fascinados na memória das suas irreversíveis deduções? Revê-la no instante de a reanimar pelo nome que a devolve ao foco andrógino em que por instantes foi apercebida, outrora e sempre, a fulva dispensadora de um prazer inesgotável, suposto que a sua vagina era tão húmida e vibrante como os seus olhos abertos sobre o grande exterior e como os seus lábios de uma grossura anexa ao prazer de olhar. Este Isaac tem a estatura de um grande génio solar e a doçura aplicada de um luar numa varanda. Veste uma chita comprida em forma de túnica leve, e os pés são nus e fortes e cheios de sal de areia. Os braços são longos como o silêncio e fortes como um animal adulto. De o ver resulta a imediata sensação de vida independente e tumultuosa, arcaísmo e lume.

★

A uma considerável distância de Isaac acha-se uma mesa, Cézanne, para o efeito de uma demorada operação. É uma mesa branca de linho, cujo tampo é branco de linho e os quatro pés são de uma vulgar madeira escura e talhada em barrote de um modo tosco. Esta mesa vive,

pela relação de espaço e de distância e do fulgor operatório que os gestos de Isaac lhe atribuem magicamente. Sobre o branco como num metal estão soltos os detritos da vida, o pão cortado, a mão aberta, o livro-oráculo, o coração persistente num grande ouvido solto, o pénis-e-a-vagina como o dia num rosto, as flores abertas do amanhecer, a caixa de música com a valsa de Brahms, as palavras de uma carta, os murmúrios inesgotáveis e a receita do fogo, entre cabelos misturados em vida. A arte de mexer nos detritos pertence a Isaac, a moça rubia. As suas práticas são espontâneas e ancestrais. Opera nua e mais audaz que o vento, e todos os seus movimentos reflectem o enorme prazer do conhecimento, pela noite adiante.

Xago, O eunuco de Tetuan
(ler **Cs**ago)

Em Tetuan encontrei um eunuco. Fumava três cigarros simultâneos, e bebia chá de mento. Cfr. «Moradas na mãe-terra», XIV: «... e o eunuco de Tetuan, entronado em que garagem, santo dia! entre que pneus, parecia o responsável de qualquer medo, de qualquer "defeito" num sistema que muitos classificariam de "circular". E se não foi ele, o responsável, razões lhe sobrariam então para rir no seu apesar de tudo riso alegre. Rir...»

Trac, o marinheiro

O marinheiro, por força de uma inquietação que com o todo se parte, trac, como o ruído de um ramo doravante separado do todo estético, a árvore-mãe. De marinheiro tem Trac a alcunha, o processo e o destino aquoso de pingar rocha abaixo. Visione-se: um ramo suspenso num abismo sobre o mar. E compare-se a cena visionada com os seguintes textos, inéditos:
a) «Saumure resvala, cabeceia. Onde estás tu agora bicho? nalgum trampolim?... pronto a dizer?... pronto a intervir?... sempre aleijado?... incapaz de aparecer?... Quem te escolhe?
E Saumure é tragado pelo furor das ondas pardas, absolutamente devastado.»

b) «contas de enfiar num pau fininho, um São João de habilidade e de monotonia, no alto da montanha que os festejadores escolhem para administrar nela os seus rodeios infames de festança, distracção, a monotonia de um jogo sem tradição local. Excêntricos festejadores que se furam nos olhos como malandros em melancolia, à convívio. Uma inverosímil qualidade não-animal, travada apenas pela retirada de cada um, olhos furados, ou cabeças estragadas, nódoas negras no veludo ignóbil das carantonhas de voltar a casa, à-tar-dinha.
Chamam a isto o "ir às nozes", quando se desafiam na cidade, em esplanadas.»

A coisa cérebro

que coisa cérebro... Isolado, retirado, colorido (levemente) e posto a pastar, o «cérebro» é um animal doméstico do subjectum. Dois hemisférios irrigados, e um grande casco equídeo para cada um deles, e eis descrito em sua forma mais um dos excelentes companheiros do homem total.

são complemento da nota anterior, os seguintes contos:

I) O DIAGNÓSTICO

Um jovem tinha um cérebro artificial chamado diagnóstico. Um dia fez-lhe três perguntas e o cérebro não respondeu. Como era jovem teve medo e logo a seguir fez-lhe mais duas perguntas. O cérebro respondeu mas estava errado.

II) O SÍTIO DO SILÊNCIO

O cérebro de um homem estava inutilizado pela discórdia. De que motivos eram os dessa discórdia, ele não poderia evidentemente dar conta. Nem dar-se conta. Apenas, — mas que sentido tinha afinal essa restrição —, quando muito, ele poderia referir um lugar enorme, a alargar-se como um rasgão, imaginava-o como um lago rodeado de juncos e outras

plantas lacúfilas, e chamava-lhes algo literariamente «o sítio do silêncio». Olhava-o em imaginação, com pleno domínio da sua configuração, e realizava-o na perfeição, fosse onde fosse. Que truque!... Que tanque!... **«Calmo»:** é o sangue intermitente. Que bate calmo, alertado, calmo, alertado; quando flui; para que flua.
Sendo **«Cinto»** o pé estragado — congestionado da posição, porque não solene? em que se enrola escravo de um espaço atrofiado, o do pneu em que o subjectum se recolhe para imaginar que devaneia num pneu a fim de imaginar que devaneia num pneu, e assim por diante.

As aves

Jamais as aves capitulam. Quer dizer: não dormem, as aves. Pousadas por vezes no tampo de uma mesa. Rés à paisagem. Pousadas no tampo. Ou alteadas num ponto qualquer de um prédio, sobre o imenso. Nesses pontos se transformam. Partem. Entranham-se, no sítio do céu. Deixam tudo e Descolam e Não voltam. Reaparecem — demasiado longe. Longe é com elas. Fazem um crepúsculo de um dia claro, tecem um crepúsculo e a noite e talvez o dia. Triunfante, a agência das aves. Extracto simbólico triunfante, este do tecido pelas aves em vida. De notar que não voltam. Nunca são as mesmas, aquém do seu afastamento perpétuo. Ou lá como é no tempo em que nadam. O mais vasto campo tapam-no as asas de uma ave. Um pequeno quadrado é maior que o coração de uma ave em vida. «Grande» e «pequeno» é como uma ave, em expansão, movendo-se, para lá sempre. «Lá» é o domínio final do voo perpétuo, «aqui» é nunca, é parte alguma, é onde elas jamais estão.

Simão escalpelo: o estóico vampiro que, tal como Nietzche dizia de Heraclito, utiliza em sua cosmologia (!) as «coisas nocivas».

Pontes, o pénis do festim: ligando mundos de aparência.

O SURDO

Metamiolo reaparece a dizer o que viu. Agora surdo, ensurdecido pela jorrada incessada dos licores sujos. Ou «sujados», como na história (estórias) daquele jovem que preferiu alimentar-se de esperma durante uma semana. Sem mais tónicos. Ouvitríolo é o capítulo. Capitríola, ouvinte feminina do dito futuro, na concha em espiral. L'attentive, está. O segredo emaranhado no ouvido atingido, enfurado pela experiência que segrega o licor mau. Chamada da força-morte: a incessante inversora, a vitríola espelhadora da refinada força-vida. Até ao pulso gasto em forças, de aparecer. Cascas sagradas pela profissão de sagrar, as formas. Outros valores aparecem, descascados. Logo amados, cascados, religados ao hábito havido. Dizer é ter visto, condillaca-se a harmonia impressionadamente, sem reserva, porque a eternidade... Miolo esvai-se, em dizê-lo. Caem pó, pedaços e pontes negadoras. Os fusíveis. Fundíveis. Às formas, às formas, gritam no convés em rotina de afligir-se os marinheiros do conhecido. Os reservistas. Na gorada superfície do pó soprado enfraquece a reserva de pegadas, e no crepúsculo sobram os tigres. De Tudo Capazes, entre aspas. Metamiolos os acreditam

— tal o seu ver, ensurdecido ou não, contém «mais mundos», em reserva já. As caves estoiram de cheias, donde os tigres, e os leões, e a maravilha histórica da poética envolumada. De amijar, no imediato redentor do corpo em miolo. Cavilhar o cimento exterior com explorações (a científica habituada, de reservatório no rim do esquecimento; ou a que não vale mais que nervo, quando nervo se torna, a sentimenta cíclica; ou a de ir sem vir, a Aforme, para loucos muito habituados **ao tudo**). Considerar aliás **a cavilha: é do que vê,** e aqui didatizam extremamente os que de morrer se fartam. E não há incólumes, nem só de inverno, nem só de nada. Há ir e vir, para o explicar uma vez mais, e esta imagem acostumar-se-ia a tudo, ao crepúsculo, à divisão lógica, e ao esquecimento das suas próprias origens formais. Titular, é francês (nisto equilibram-se as parcimónias nacionais, diga-o melhor quem sabe). Há que titular (vive la France, hélas!).

Mijar à toa, então, na determinação calmar de um pé solto, enquanto sobra, ou de uma pedra, aparente, ao miolo, empoada, ao gosto, e enfim pedra ao Zen que metamiolo vê e «escolhe». O ralé. Que português camilará por castelo branco adentro. Na gruta zenital do havido.

HISTÓRIAS DO REI DOS CIGARROS

Ali estava ele, o intérprete, com os nervos expostos à transmissão de qualquer alegria, na verdade disposto a alquimizar cada dano, cada perda, cada avaria, todo o passado entornado em odre novo, o da forma realçada. Para que décor absoluto se virava a sua face, a verdadeira, a sempre até aí oculta e silenciosa? a matizada? em trégua aposta pela reverência generalizada, que a entorpeceu, a definiu em ócios do sentimento e da vontade, a perturbou por imensos corredores de frieza solitária e de impaciência atrapalhada. Que décor e que ímpeto, o de falar sem esmero, e o décor entrevisto sendo o da vida mesma, realçada e efémera. Declarando-se a função permanente de encantar a dúvida, pela colheita expressiva do ainda menos que efémero, do inaparente, do inconsistente e fissurado possível da invenção. A tanto atento.

HOMENAGEM A BRUNO SCHULZ

perto do rio cinco coroas trabalho de ombros daquele enorme colega de liceu que me levava ao rio por entre os picos onde a cidade está exangue realmente perdida afastada no sol do verão que não começa daquele modo começou com os aquecimentos do corço dos corços do ar todo na sala de aula qualquer que seja a norma da atenção começou por aquecer e aquecer as faces as outras mãos o sabonete das tijelas a chita das colegas e o ar livre cuecas acima correr andar sem folga de um lado para o outro no já então labirinto da tarde infindável com o poente nas arcadas da bola rija do paredão do seminário todo ecos todo vultos e o poente é luz. a luz sem eco do poente. os patinhos esfolados do poente sem sombra interminável pelas vozes dos homens bons narradores da noite das dez das onze da meia-noite fora ao relento tosse rabos melopeia da noite do boné da mão na pinha que coça e afaga e recorda oh memória sem vontade que se senta frente às casas sem volume e os enfeites sem história a memória dispõe-na toda arbitrariamente dispõe-na de Roma para todos-os-santos, de quem sai para quem corre, de quem sobe padre cónego praticante e com volume

ou quem desce e se senta, se senta de novo entre o cheiro
a voz a portugalia monumenta histórica murmurada tossida gaseada voz da guerra de catorze e sobressai o combatente recordador de pouca deveras pouca coisa sólida
o volume está no cheiro no santo no pau utilitário do bombeiro que caiu do esqueleto de ensaios e disfruta de evidente insónia e desconfiada pensão atribuída em desdém medalhado
aqui a égua-mula-bilha-cântara faz correr a água da torneira mais próxima são três as torneiras do chafariz que pode ter volume será o da atenção que espera sabe-se lá
o quê de mais que a melopeia estante nenhuma guerra mais ociosa que aquela do ah-han abafado pela casa em que
o gaseado se embalsama para a noite quente quentorra do ladeiral sem fim mas com um bacio sonoro nos ouvidos e nos cigarros e no pigarro e no comentário e no murmúrio estante.
em boa hora entrevado e na cabeça reabsorvido em beleza sem nexo nem pagamento apropriado afora o tédio e a multa e a céptica isolada isenção dos estantes

. . . . . .

e alguém corre mais que a mim
e alguém corre mais que a mim
haver um arco uma ordenação uma fixidez desejável para mais que vários competidores e tudo é fogo e espernear em volta do talhão isolado para conferir norma e ei-los em direcção certa até cair de novo na noite empedrada esfolada desfeita de despeito e de dúvida imortal deveras

persistente dúvida que absorve conhecimento promoção e relento

o modelo da voz sem dono apenas o solista é certo pouca invenção quer dizer arte pouca arte sem arte sem desnível sem diálogo duas razões concordam por acertos não prévios ou então transcendentes, deveras transcendentes à única razão que é a voz não ter dono. A identidade preferida é a do padre a do casulo a da água demasiada no torneirame e zêbre que te mete para dentro os dentes convalescentes a boca é pequena e apenas grita por dentro dos pulmões com uma destoação que te fura o peito de dentro para fora à altura do peito, natação disparatada. Desporto.

. . . . . .

Nenhuma invenção te seria permitida depois oh mundano ouvidor da voz sem dono

. . . . . .

e alguma lógica se apropriou de ti, eucaristicamente, te fez ir e voltar, sem regresso possível, andando para trás mesmo recuando mesmo caindo de costas e esfolando a coragem foi coisa em frente do olhar magoado e apenas crédulo força apenas feito olhar pela razão da voz sem nome essa sem lógica mas alguma nostalgia haveria que a tornava olhar ansioso descrente da solenidade aposta à voz sem dono a enorme.

A busca imaterial de um amuleto na escova que te sovava o atraso persistente as horas do verão tornadas a viver à vista fantasiada revista e sempre golpeada no acontecido sem fundo e sem fim tornado a fantasiar em volta do pedaço de escova dourado, retirados que foram pelo uso e o desuso os cabelos da escova que aí ficou a provar o acontecido

★

nenhum seixo mais louvado do que o da gaveta grande, que se puxava a mãos duas pelos botões castanhos e lá haveria um seixo: ponto macio e ao lado a caixa de lata de folha te explicam sem pressa e a aprender te vives desesperavas pois mas a outras horas, não as do dia a dia de abrir cómodas gavetas janelinhas as coisas do dia penduradas no dia mesmo sem retardo sem mistério ou que mistério foi o de abrir uma janela a janelinha de peito jamais aberta jamais aberta jamais fechada

outra hora outro instante não tinha testemunho além do teu esse aí interminável testemunho de haver tocado por pouco um mundo pouco

cheio de horas e sinais de horas e flexibilidade e uniforme flexível uniforme empedrado para a direita e para a esquerda do olhar de algum modo livre

foram instantes de tragar o passável, de colher o objectivo como quem diz o relativo, o relacionado

foram instantes demorados repetidos repuxados em acolhimento de algum conselho prévio de algum conselho próximo

a aventura inexcedível do acto sem demora, inda menos proibido que haver o dia, razão óptima de fazer tudo, de cortar com a tesoura, de construir com o cartão, de ouvir ranger ao pé e bigornear em frente, sobre a direita irreversível do olhar aberto

nenhum passo desconhecido para fora do olhar aberto: aí o vulto entardecedor da mulher do bombeiro mai'la cântara e uma e outra vez passam aquelas duas disproporções e outra vez e outra, é o disproporcionado que avança mas sempre se ajusta a um ritual possivelmente desconhecido, possivelmente conhecido para quem ousa aproximá-lo pelo lado do doméstico justificador. Assim era, à porta fresca do bombeiro entronizado para que série do conhecimento para que impossível reconstituição do mesmo mundo num círculo mais vasto e a outra hora exposto, exposto em cheiro húmido de qualquer hora a que a casa húmida se abordasse lá estaria a toalha ritual a dar as horas do relógio da parede recaiada ou tudo era relíquia na encenação daquele bombeiro casado para a geração de dois filhos truculentos sovados colhidos envolvidos na desordem do crescimento inegável ante a muleta facultativa do pai em cólera em revolta em indisciplina ante o crescimento dos dois filhos ora aqui ora acolá perdidos na faina mais misteriosa que era haver um ofício assim um oficio assado um poder masculino e outro mais própria ou residualmente feminino.

a descoberta de um sem nexo na família vociferante atordoada pelo exterior de uma casa demasiado pequena para conter qualquer futuro e ainda assim empenhados os responsáveis daquele sofrimento em lavar e tornar a lavar a pedra símbolo à porta da rua

o poial das horas, o granito simbólico do interminável para durar deveras mais que um osso (quebrado) mais que uma bilha (ora quebrável, sempre a desgaste) mais que a relíquia analisável que é um relógio de sala

e o poial ocioso mas não apenas a pedra redonda à força de arranhar e repuxar (simbólicos) para fora do tempo da madeira da loja do bule da mola do relógio do tique--taque presente

a vida que era haver ainda nervos a repuxar o granito escamoso por fora da meia porta e completarem (todos os gestos da mulher) a voz afectadíssima do máximo inválido que ali se sentava a declamar o incerto.

. . . . . .

outra esperança da rua ao lado posta em esquina para encostar os clubistas principiadores de que afectação com que meios com que incerteza e mediante que incerteza assim na esquina proferindo a própria discussão de meia hora antes, ao ping-pong, no clube sagrado.

Ora o clube constava de duas salas, em casa trémula e toda alugada para parecer deles, toda pintada com fervor emblemático mas logo desmentido pela plural avidez do ganho a simples avidez do organizável, do organizado, a desoras, sempre além do aconselhado e apenas ultrapassado pelo medo da multa

que sobre a multa passava o sobre-polícia fardado de gordo, empurrando nenhum assombro mas toda a desconfiança inata do grupo unido, agora já unido à atenção que se coça e cospe ao lado e tudo cospe por reflexos sucessivos para-iniciáticos e aparentemente inexcedíveis

e que força esconde um grupo que assim repara, assim reflecte, e por decisão própria se dissolve na residência reafirmada de cada qual à sua.

diríeis que foi sempre assim, diria que foi sempre assim até no drama de deixar de haver ouvintes ou cúmplices ou sujeitos ponderáveis à epopeia esboçada

... seria sempre assim pelas noites fora, no empedrado

e dir-vos-ei como. Pela identidade máxima verão--inverno-noite caída.

. . . . . .

fora a voz sem dono o que de ti fez uso o que de ti tirou e te tornava a dar razões de fala, e as várias obsessivas afectações da memória não de outro modo pronunciável

para ninguém com nome pronunciável

um recurso

uma afectação

uma deturpação de que te sairás pelo lado da analogia, ou que será poupada ou gasta pela laminação analógica de um salto.

irás saltar no conhecido? Sobre, por sobre, a incólume prática da voz sem dono

a do narrador que a ti deu o poder de o evocar para uma noite que é sem peste é a noite inacessível do agora aí estás à parede só face

ou foi a voz a tal o pretexto entornado de uma natural timidez por ela resolvida e a ela assimilada

chamarias a todo este processo o da timidez derivada e remontarias antes aos impulsos de outro verão ou que

calor te aquece lá onde te aqueces ou lá o que é isso lá no falar onde te buscas lendo-te

aos impulsos de outra natureza sim ou não tímida

invariável será trocares-te pela voz prévia que te deu a fala existente

será da voga da primeira fala que tirarás o dentro e o fora, em falas óbvias para um ti-próprio sem medida, um ouvidor inesgotável enquanto duras crítico, insónia viva, ou colectiva peste.

Teres falado.

. . . . . .

Quem fala quem
Há o estrídulo: vara na mão, a senhora do infantário risca chama-lhe a estouvada chama-lhe o casarão e põe-lhe o pátio das flores e não os relaciones senão por espaços com o primeiro amor
de ouvir o estrídulo se trata
é de uma pesquisa que te ocupas e aí está o vozeado feminínico da estrídula da estouvada da senhora e o vozeado da mãezinha em avental às riscas só capaz de tocar-te o cérebro e os pulos com as pontas dos dedos e o sal e a pimenta e algum cheiro a sopa tudo o que guardas da voz desse lado é vozeado alarmado e apenas o canto lhe devolverias antes o cantar um exercício académico do sentimento por sobre os teus ombros molhados quando ela te fadava órfão e te preparava para o colchão e a toalha de banho. Outro exercício esse aí que não da voz antes um inquietar físico e um experimentar precoce do sentimento

inquieto. Todo estrídulo guincha mãe avós popa pompa governação e alarme todo esse dia aí é delas: vinagre azedo, água e sabão, achaque e pompa. Riscam-lhe tudo, ao mundo do esmalte e da madeira ovular, desacertam o existente para reafectá-lo a uma empacotagem arbitrária maníaca e a fissura fica aberta na dor de levar o sal, o vinagre, a pimenta, e um banho oco de asabão. As tias baigneuses, a avó salpicada, ultrapassada: mãe das baigneuses. O avô delas emblema de longas tiradas sentimentas entre roupa a secar e o remexer das baigneuses por debaixo da mesa e a voz mais estrídula pela casa fora, a inconformada, a casadoira. A que a faz pela calada e a que a proclama à porta da casa de banho

a prima escrava e nenhum pêlo por toda a horta e toda a casa (comunicadas) nenhuma nódoa ao sol de inverno ou na sede do verão apenas métier e a memória das baigneuses. E o toque do pai desembrulhado para a gabação permanente civil tribarrista: pouco pai e estridência. Salpicos. Lúcia-lima em vez de cravos, cravos mal crescidos pelo excesso do húmido na terra toda seca, e dessa disproporção não vou tirar mais nada que alguma insónia na fissura do contraste, salpicada.

. . . . . .

Pela noite **da voz sem dono** eu quero lembrar: a discussão (idem), o vozear dos bandos à solta, o escapismo das várias velhas na parede em frente com a delas sempre presente inspecção e o despeito e algum comentário (idem, talvez) e a saia suja da irmã de algum ali e o refúgio adicional de uma pequena porta mais acima, para o jardim dos cónegos

a minha pequena discussão equilateral com dois ou mais velhos, consabidos no ponto fraco de algum menos documentado dito-ouvido

os vários alarmes de tardes trazidas até à noite pela menos que serena identidade de algum conviva como sempre que se tratava de mostrar feridas, contar desencontros do dia mesmo ou de há alguns dias ali expostos ou de há pouco mesmo na esquina ou na outra ou na orla já da região que entendíamos contar desencontros ou reiterar encontros (seria o informe...) validar desejos (mais representativos que o de ir-se deitar, ou menos supersticiosos que o de gostar de acordar cedo e são)

excepções à voz, aceitai-o: o que menos inibiria tais excepções (e a possível argúcia correspondente do desejo) seria a passagem preconceptual do padre e senhor mágico-sombrio daquele lado da noite, ou a ligeira acoplagem do sacristão ao grupo. Essas, e a chegada da nora, ou noiva, ou da velha de algum estante, renovaria o desejo mas pela forma não minuciosa e nunca incerta da conversa suspensa e logo ressoada ao lado, mediante suspiro que anexava a esperança abandonada da união humana, de resto nunca ali tematizada.

Os vikings, caso raro. Os romanos, nota corrente. Os medos (as medas, a merda, as molas, para pôr em éme uma série que podia de facto ocorrer sem esforço, ou por tanto serem classificáveis, as conversas)

o mar, pitoresco? não, o mar útil ou outrossim o mar historiado, antropocêntrica e caoticamente anexado à facilidade de tudo haver e tudo nomear livremente o mar útil, quer dizer, a relação típica mar-sardinha, ou mar-pesca, ou sardinha e pesca com camioneta de transporte interior-litoral, familiar.

Alguém nomearia os vikings, ou os gregos — colheria muito menos que assombro: a inferioridade intransitável e indirectamente pânica dos pares. Decerto. Apenas o consabido era disposto e essa era a cultura toda dominada do grupo em paz. Combinada. No hábito indirectamente ensaiado de reunir os óptimos, os piores ou os desanimados. Reuni-los por sua livre vontade habituada ao desânimo, das nove dez horas certas e mesmo das sete a seguir ao jantar. Assim que é de digestão que se trata, antes de mais. Salvar o dia sentido mais uma vez findar, levá-lo à noite e ao mais que ócio da semelhança retórica, levá-lo às vezes muito além do previsto, se é uma noite quente de um dia muito quente. Relevar a sobrevivência modelar de todos, ou a dos que sobraram, ou a dos que lá estivessem nesse encontro.

Vitoriá-la desde o silêncio, desde o silêncio mesmo de serem demasiado poucos ou de não ser demasiado escuro para se porem a falar todos. Dirigismo. Aliança descrente. Inanimação. Médio senso e alguma variedade. A dos mais novos, também passível de censura, ostracismo, aparente resolução de um conflito sem causa e sem remédio.

★

Assim descreverás: um rio, a 5 km da cidade; a estrada e os caminhos (atalhos) em que a cidade se extingue; as leis solares e a vegetação vivida; os embates físicos da experiência fraccionada, e reconstituída; as noites da descoberta da palavra e da função fantasiadora da palavra, única

realidade sem fundamento ínvio; o facto bruto, humano ou outro, ante a palavra ou no refluxo dela, ao olhar; o dado fixo de uma série de ruas, habitadas, e os modelos poéticos do vivido imediato, acessível, liberto: vizinhança, trabalho inventado, atenção e atrito; o dado ínvio da geração e da família; idem, da população sexuada e da fissura decorrente.

A tudo chamarás: pelo olvido. pelo olvido. pela diferença fundamentada do olvido, enquanto ouvido. Essa exclusão, essa.

A RAPOSA E AS UVAS

O lazarento diagnóstico irás fazê-lo assaz interminável de tudo o que foi sentido reconhecido testemunhado desde o modelo de nenhum diagnóstico pois te falhou ciência doutrina resolução enfeite algum enfeite te sobrou e é esse o escalpelo analítico que dourado ou descascado (desdourado, resíduo e vivacidade de algum uso menos individual, mais ancestral até, porventura) vai-lo de contínuo exercer e apurar.

O lazarento: medida da humildade da força da isenção e da proximidade ao modelo. Haverias de chamá-lo, alternadamente: o atento, o inesperado, o lazarento, como também: o magoado, o imaculado, o contraditório, o imaculado (não-contradito, não intimidado) meio de prova.

Queres pois provar? a geração do real, a unidade do sensitivo, a regularidade do prodígio. Crês no prodígio? o de haver mundos, entidades, corpúsculos, correlações, e pelo lado do dizer, é haver séries, haver inatismo e todo o máximo unitário efável material oral.

Que prodígio? O de incansável reaparecer a voz.

Celebração? Alguma estética? Morigeração, ainda? O futuro estranho de nenhum tempo. **Isto** é sem tempo, andar

aí, ter visto aí, ter sido o tal, o bico agora de uma caneta reaparecida na direita de uma esquerda que fuma um cigarro deveras estranho deveras solitário (independente) Alguma estética, possível norma? Enumeradora, toda ela a palavra que melhor faz chamá-la palavrão, o pa-la-vrão. O canto chão, salta o erudito, os eruditos que sempre são dois ao menos no recinto da experiência. Canto chão, há que imaginá-lo. Rés à paisagem que é a do chão, mais as verticais do visto, do avistado. O chão, certo e do tempo.

O acontecido (hop-lá, à frente do andar à espera, por menos que bata, a tensão do havido) e o visto e o afastado e o sonegado y desejado é na vertical, na erecta, na ginástica — e está coordenado tudo, outra vez. Para o recurso a alguma lógica de todo o teu humor. Coordenadas as fluxões, as 2 hemorragias do vivido: andar à espreita, e levar, y levar, com o relento urbano. Diz que te enervas?... Diz que te enfaixas?... Põe que te enfeitas?... Apenas uvas, altas ou não, com ou sem despeito, com ou sem habilidade, afora a história (= habilidade, a de ser histórica, também) afora a mística (não fala ou ouve, de intransitável) e as artes todas (afora o excêntrico, posto por fora) ficam só uvas, nenhum despeito, nenhuma habilidade (surpreendente) e nenhum credo possível mais que a experiência (todo o acto simples, agora sim) de enumerar, enfrentar, ídolo (o do verde) decepção (se mais ou menos que simples, diz que é de estóico) e rigor (sem ser poético, verde que farta, nem mesmo de números, se serve o saltar e baixar e estender o braço próprio, rigoroso e é tudo, apropriado por falta de maior desejo que o só sentido e percorrido totalmente pelo olhar crítico).
Verdes uvas de um mar de léguas. Campo improvisado.

Variedades: inumeráveis, inumeradas. Dia e noite sem problema, esgotada a alternância, e as projecções. Altivada a memória, fica o campo de léguas com a parreira coordenada, tudo cientificamente, tudo brutalmente, exposto. O ar é livre, por hipótese infungível. Nem urbano nem imposto, nem raro, nem sabido. Jardinação de um acto, sempre um só, elementar. E fica esboçada, a geração utópica do sóbrio e do guloso, jardinadores do real em forma de paisagem. Paginada, dita, experimentada, reluzida, a paisagem do haver futuro. Vela-te nela. Occitano.

AS UVAS E A RAPOSA

Reluzente dia da parreira
Caminho à beira de um muro caiado para a reflexão da abundância invariável, de luz e uvas caiadas e mais azul que o verde na imagem transbordante que prefaz todo o caminho. frente às ruínas, ao moinho de vento, ao inverno anoitecido, ao contraditório. Desse lado que há também dura a imaginação completada pelo real mais dito que usurpado, o real específico, das uvas à memória adequadas. Percorrer o longo muro, do comprimento de todo o céu e de todo o passeio. Próxima da emanação é a criação de andar. Mas exterior é toda a imagem. O que aqui conta, e a custo acontece, e por certo acontece, é a relação havida, e o estático insinuado; nada mais que o verde, afinal.

O IRMÃO

Deverei falar no meu irmão, Carlos José, para quem imaginei um título e fixei uma essência. O título seria «o coração brilhante: história do rei dos cigarros», e a essência é simples como o segredo do meu irmão com a vida. Incapaz de mentir ele cala-se ou vai-se embora, dentro da jaula em que vive, para um canto do andar superior, onde murmura, murmura, até resolver. Depois desce a pedir um cigarro, seu talismã da sobrevivência. Vive do que lhe dão, entre emoções, e bate frequentemente as palmas, para celebrar o instante de entusiasmar-se. Entusiasma-se por inspiração: dum lado para o outro da casa, pelo calor da braseira se é de de inverno, ou nos raios do sol se há sol na porta entreaberta, dum lado para o outro ele anda e celebra. Prisioneiro de uma vida que não busca entender, cumpre-lhe todos os tempos fortes com o seu gesto de bater as palmas, ou de soltar uma gargalhada a propósito. Se a seguir fala, depois de rir-se ou de percutir, só aparentemente ele perde a sobriedade. As palavras são de bocados de frases antigas, já usadas e que de facto nunca viveriam sem o consenso de que ele é o idólatra

consumidor. São bocados de jornal, ditos públicos, réplicas memoráveis nos anais de família, sínteses genealógicas sem extensão nem esforço, provérbios desfigurados, séries do mundano desdramatizado, anátemas que protagoniza em vão, etc. Legendas da compreensão fulgurante, a do bater de palmas ou da gargalhada, legendas paralelísticas discontínuas.

AS PANATENEIAS MORAVAM TODAS JUNTAS...

as panateneias moravam todas juntas. No fundo da noite empedrada, com guarda à porta, e os homens protegidos sentados no poial em frente, de colete e as calças largas, sapatos sem fecho. E os entendidos. E os traidores. E os aficionados. E os reservados. Mais os fornecedores. E as mães, as próprias mães anexadas à vida ali, bem como os filhos mais crescidos, os filhos e filhas de quaisquer doze anos. Todos juntos contra os visitadores em passagem nas duas ruas célebres. Pelo ouvido se reconstitui o que foi dito e clamado. Pela vista, o que se abriu, se mostrou, se escusou, e se quis visto. Pelo cheiro, pelo gosto, pelo tacto, e pela memória louca de ânimo, que lho deu o acontecido nas milhares de horas a narrar. A memória do cheiro: urina, esperma, perfumes, e muito mais. Do gosto: idem. Do tacto: louco de ânimo e de evidência, em todo o corpo declarado e fácil. O tacto. A pele feliz. Com tempo.

O RELENTO

O relento: concebido de costas para a relva crescida, e a palmeira bichosa. Ao lado o baloiço. Na digestão profunda, esgotado o dia, no rumor sim rumor não dos altifalantes (feira, circuito interno, licença de pernoitar, e mais nenhum) desejo hoje desejo ontem de caminhar na noite sem fim, perpassa o relento. Lazer sem muros, levado pelo ar da noite. Veleidade de sessenta ou mais dias, empolgada. Amor sem tréguas, sob os candeeiros. Navegação das pernas, em corrida, em sensação ante o chão e o ar, e o mistério passageiro do jogo ordenado. Suave balanço, no lazer. Imensa idade.

O DESERTO

O deserto sem nexo, inesperado, tal como surge metaforicamente sentido no imponderável percurso de além-tréguas. Sobrecadência de algum meio-dia já percorrido, já esgotado (em corridas, em percursos múltiplos), e aí se anuncia um excedente percurso a acometer e nesse percurso se revela o deserto. É a experiência pura da terra abrasada, desassombrada, enigmática de neutra. Estranha ao caminhante. Envolve a luz, a distância e a mortalidade consumada do caminhante. A finitude, e os vários amarelos dessas horas solares. Meio-dia, ou mais uma, duas, até sete meias-horas após o meio-dia: as horas magnas da insolação desértica. Em qualquer estrada anexa a um lugar povoado, ao sul. Espírito dos lugares circunvalantes, nas 7 meias-horas do meio do dia, ao sul. Experiência que pode ser instantânea, intervalar. Basta que surja sobre, a mais que, a cadência adquirida de uma manhã esgotada. É nesse além-tréguas, nessa sobre intimidade que o deserto consiste. Ir de rastos, a-té-ao-fim-do-es-pa-ço.

O PASSEIO

A matéria negra arde entre escolhos. Tudo avança lentamente, posto que avança. Vai indo entre rodas, rumo ao húmido. É o passeio. Rumo ao mais fresco. É o Verão. Para lá dos cães, além da pedra com o talho da cabeça, nos pneus que escorregam ainda amiúde (o pó solto; a excitação) verás o rio. Em baixo, lago de lume, ardido ao ar, entre os escolhos. Degraus o puxam, degraus o trazem. Pula no ar, desfaz-te em rio. É o passeio. Vitorioso passeio fora do dado, quase desconhecido, apenas visto. A aventura sem as palavras, perdida em fôlegos, em contracenagens, em infracções. Ida por dentro, rasgada a terra. Volta por fora, pelo céu da estrada. Rudimentos do inesquecível, permanência do revelado: a toponímia de cada metro ciceroneado, por quem o sabe. Dentro é de um, por fora é o outro, os construtores da tarde. Os que asseguram. E asseveram. E assim procedem. Os (dois) guias eventuais da descoberta.

G. — Violetas, violetas, violetas imperiais, violetas, oh violetas, violetas imperiais.
L. — Bonita canção, violetas imperiais; que bela voz que tens; que bela voz que **ele** tem; canta outra vez, para mim ouvir.
G. — Vou cantar outra vez.
(Canta outra vez: «violetas, violetas, oh violetas im--pe-ri-ais, violetas, e violetas, e violetas, im-pe-ri-ais»)
L. — Cantas muito bem; **ele** canta muito bem, não achas? Ninguém diria.
A. — Pois canta. Olha, quanto é que custa?
L. — O quê, filho? São 10 escudos.
A. — (dirigindo-se para a porta do fundo) Embora, filha. Aguentas aí, pá, são 10 minutos.
G. — Não me faças isso, pá. Empresta-me 10 escudos. (Revolve os bolsos, e vai à porta, cuspir.)

O MONÓLOGO DO PASTOR

Lavis, Lavis, Lavis sonoro, o ponto é querer-se, acordar antes, menos que à hora, acordar com o som de ao longe elas terem já acordado, como as oiço agitadas no terreno, vão bulir com as outras, vão andar soltas, fugir de mim, partir as pernas, cair em baixo, oiço os guizos, refrão pesado, a cabeça pesa-me no estômago vazio, tudo vazio, a casa fria, a luz pouca, outro dia sem sol, mundo mundo solidão vazia, tudo vazio, o ar frio, a luz vazia ou a janela sem trapo, o meu sono estragado, acabou-se antes, que força no mijo, que vontade, que luz fraca, afinal, que consolo, ah, aí andam elas, que consolo, ah, que bom quando se tem vontade, aí estão elas, anda para lá, rebolona, restolhona, fora daqui, ah sim está melhor, o leite da cabra, ah uma copada, ali a jeito, um copanzil, ah assim está melhor, um bocado de pão, ah, assim está melhor, e que dia frio, outra vez frio, e o Araújo ainda está a dormir, e que dia frio e fode de manhã se calhar fode de manhã, à noite é os copos, de noite aquece, e de manhã dá-lhe o jeito, e olhe elas, já a brincar, dá-lhes o jeito, boa vida a delas, se calhar não é, mais murcho ando eu, com o cuidado, e as voltas, e esta vida à bruta, sem cómodo nem mulher

nem carne nem peixe nem nada só bichos e mata, só mata, e cabeços, e mais cabeços, e se calhar sou de pau, sou algum bicho se calhar, chega para lá, puta da bicha, oh para lá, oh para lá, toca a mexer-me, estão todas vivas, deu-lhes o azougue, toca a andar, estramada da vida, oh toca a andar para a vida, puta de vida, oh toca a ir.

. . . . . .

Este monólogo de um pastor, de ovelhas por exemplo, reproduz, tácito, uma comum sensação de acordar. Acordar sem nada além do hábito, despertar «por fora», por assim dizer, e não vislumbrar mais que a imediata recolha das motivações consabidas, o dever, a comida, o ente hostil, distante e alheio, o real em fuga histérica, e no interior a mancha ensombrecida da entidade miseranda, o homem-sem-saliva.

OS CIGANOS E AS SUAS PROPRIEDADES

I

Pois assim o meu maior se me revela
que a seu modo ele entende e assim vela
e nunca oh nunca deixa de ficar
e durar
mas dura muito sem de todo se apagar

II

Quando se abria a camisa da minha amada
estavam vermelhas, castanhas, duas
negras mamas espalhadas no pano branco
e sobre o pano as pontas imaculdas de um laço feito à mão.
A carne sobre o pano se espalharia então.
Donde haver céus, bem conhecidos de nós dois,
que o corpo eleva, mesmo esgotado,
e de si extrai e perde, extrai e perde,
quando em seu escuro se perde.

UMA RECEITA

(RASO COMO O CHÃO ONDE BRANCA DE NEVE FAZ QUE NÃO)

Toma-se neve, um silêncio, cobre-se com essa neve uma montanha, a montanha da alma na tenção de ocupar o seu próprio volume, e lá surgirá decerto um lugar, e esse é o recanto wherein SnowWhite is laid. A Mancha e o Degrau e o Buraco, os furos por onde a aliás branca respira. Desse lugar verás que jaz, opereta... e que acordando, sensação... os seus olhos e porque não os teus reflectem o Grande Exterior.

A LIÇÃO DOS GRAFITTI

Varel caminha agora no campo ameno dos cactos, das trepadeiras, dos coelhos. Vai olhando em volta, satisfeito pela aragem que de momento se elevou. Afasta alguma sarça mais cerrada, busca o caminho por entre arbustos cada vez mais duros e a atenção eleva-se-lhe para o sol que oscila entre os ramos. O terreno desce agora para um nítido vale onde avista pedras e um regato. Escorrega até ao fundo do pequeno abismo poeirento, e salta o regato para a outra margem. Sombrio, o lugar. Senta-se no chão e agarra o solo. A seu lado uma pedra grande, de sob cuja poeira irradia um nítido traçado intencional. Limpa e lê: O CAMPO É MUITO VASTO.

O PRAZER DE URINAR

À beira de um rio morava uma mulher e um homem totalmente nus. De cada vez que um deles saía a porta sem dizer ao outro para onde ia, era quase certo ir urinar ao pé do rio, a descer. Um dia o homem estava a urinar e o sol dava-lhe na cara e nos olhos e os insectos voavam em volta das plantas. O homem fechou os olhos e a sorrir, sentiu uma grande força dentro dele. Era a alegria. Quando voltou a casa foi comer uma laranja e beijar a pele da mulher que era loira.

O NILO

Na terra corria um rio. Nas suas margens cresciam plantas. Sobre a água iam flores grandes e delicadas. A vida desse rio evoluiu perpetuamente. Quando o rio começou a morrer foi de repente, e alguns homens afastaram-se a tempo. Uns foram morar na cidade, outros em grutas, outros à beira de rios vivos.

NOVAS DIRECÇÕES

1 — BAAL BABILÓNIA/ARRABAL
2 — OS PASSOS EM VOLTA/HERBERTO HELDER
3 — Z/VASSILIS VASSILIKOS
4 — TODOS OS FOGOS O FOGO/CORTÁZAR
5 — IDADE DE HOMEM/MICHEL LEIRIS
6 — EXERCÍCIOS DE ESTILO/LUIZ PACHECO
7 — LITERATURA COMESTÍVEL/LUIZ PACHECO
8 — PESADELO CLIMATIZADO/HENRY MILLER
9 — O AMOR LOUCO/ANDRÉ BRETON
10 — MEMÓRIA/ÁLVARO GUERRA
11 — SETEMBRO DE 1971/ALONSO FÉRIA
12 — NADJA/ANDRÉ BRETON
13 — ANTOLOGIA DOS MODERNOS FICCIONISTAS CUBANOS
14 — CONTOS DO GIN-TONIC/MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA
15 — O OLHO COSMOLÓGICO/HENRY MILLER
16 — RELÓGIO DE CUCO/VIRGÍLIO MARTINHO
17 — HISTÓRIAS DE CRONÓPIOS E DE FAMAS/CORTÁZAR
18 — O CAPITÃO NEMO E EU/ÁLVARO GUERRA
19 — O BAILE DO CONDE DE ORGEL/RAYMOND RADIGUET
20 — FEITIÇARIA/MIKHAÏL BOULGAKOV
21 — NOVOS CONTOS DO GIN/MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA
22 — O COPO DOS DADOS/MAX JACOB
23 — PACHECO VERSUS CESARINY/LUIZ PACHECO
24 — A MULHER SENTADA/GUILLAUME APOLLINAIRE
25 — A PAIXÃO/ALMEIDA FARIA
26 — O QUE VAI MORRER/NELSON DE MATOS
27 — O ALEPH/JORGE LUÍS BORGES
28 — HISTÓRIAS PARA BURGUESES/ALONSO IBARROLA
29 — CONTOS POLACOS
30 — ANTOLOGIA DO MODERNO CONTO ROMENO
31 — RASO COMO O CHÃO/ÁLVARO LAPA

Título: *Raso como o Chão*
Autor: Álvaro Lapa
Editor: Editorial Estampa, Lda.
Tiragem: 3200 ex.
Acabou de imprimir em: 19 de Agosto de 1977
Oficinas: Guide-Artes Gráficas, Lda.
LISBOA — PORTUGAL

novas
direcções